



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA**

“AS GRANDES PROFISSÕES PARA MENINOS E MENINAS”

**Relatório de Projeto Curricular Integrado
MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR**

**Sob orientação da Equipa de Professores
Encarnação Silva, Paulo Rodrigues, Tiago Almeida**

**ANA FILIPA NOGUEIRA PINTO
MAIO 2014**

“Os estereótipos veiculados numa sociedade e o grau de adesão dos indivíduos mostram que essas representações «prontas a usar», por vezes caricaturais, que temos de nós próprios ajudam a forjar a nossa identidade e têm efeitos nos nossos comportamentos.”

(Angers, 2003, citado em Penteado & Mendonça, s.d., p. 2)

Lista de Siglas

JJ – Jardim-de-Infância

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

Índice Geral

Introdução.....	6
1. Da caracterização do contexto à ação pedagógica.....	7
2. O Projeto.....	8
2.1. Identificação e fundamentação do trabalho de projeto e da metodologia subjacente para a ação pedagógica.....	8
2.1. As Grandes Profissões para Meninos e Meninas	9
a) Fase 1 – O início do projeto.....	9
a) Fase 2 – O desenvolvimento do projeto	10
b) Fase 3 – A conclusão do projeto.....	13
c) Do início ao fim do projeto - Envolvimento das famílias e papel do adulto	14
3. Considerações Finais	16
4. Referências Bibliográficas	17
Anexos.....	18

Índice de Anexos

Anexo A – Quadros

Anexo A1 – Quadro 1. Caracterização do contexto do estágio

Anexo A2 – Quadro 2. Caracterização do grupo de crianças quanto ao gênero, à idade e à frequência na instituição no ano anterior

Anexo A3 – Quadro 3. Perguntas das crianças para a jogadora de futebol

Anexo A4 – Quadro 4. Teia Final da Estagiária

Anexo A5 – Quadro 5. Autoavaliação do projeto pela estagiária

Anexo A6 – Quadro 6. Gráfico da avaliação final do projeto pelas crianças

Anexo B – Figuras¹

Anexo B1 – Figura 1. Histórias dinamizadas no projeto

Anexo B2 – Figura 2. Vídeos analisados

Anexo B3 – Figura 3. Tabela “O que pensamos”

Anexo B4 – Figura 4. Teia Inicial da Estagiária

Anexo B5 – Figura 5. Teia de sugestões de atividades das crianças

Anexo B6 – Figura 6. Cartaz “As grandes profissões para meninos e meninas”

Anexo B7 – Figura 7. Jogo de futebol entre meninas e meninos

Anexo B8 – Figura 8. Preparação para o jogo de futebol entre famílias e crianças

Anexo B9 – Figura 9. Livro da autoria das crianças “Todos Fazemos Tudo”

¹ Fotografias de autoria própria.

Introdução

Desde que nascemos que somos confrontados com questões de género relacionadas com estereótipos presentes na sociedade. É através dos valores que nos são transmitidos, seja através do que nos é dito ou daquilo que deduzimos pelo que vemos, que formamos concepções acerca do que é ou não considerado aceite nessa sociedade. O projeto que será retratado no presente relatório é fruto desta realidade.

Durante o tempo de recreio, decidi ir jogar à bola com um grupo de crianças, do qual só faziam parte elementos do sexo masculino. Ao questionar as crianças acerca da minha entrada no jogo, duas delas, um menino que fazia parte do jogo e uma menina que apenas assistia ao mesmo, exclamaram “**As meninas não jogam à bola!**”. Encarando a situação como uma oportunidade para a realização de um projeto, resolvi partilhar o sucedido na sala de atividades. Após conversar e realizar uma atividade com o grupo sobre o assunto, surgiu a questão “**Porque é que os meninos podem fazer tudo e as meninas não podem fazer nada?**”, que, rapidamente, obtive a resposta “**Porque os meninos são fortes e as meninas são fracas**”. O projeto estava lançado... e uma criança sugeriu nomeá-lo de “**As grandes profissões para meninos e meninas**”.

Perante a temática, os principais objetivos deste projeto, que se desenvolveu com um grupo de 24 crianças em contexto de jardim-de-infância e que surgiu e foi implementado segundo a Metodologia de Trabalho de Projeto, foram: na minha ótica, motivar as crianças para aprendizagens que têm como base a educação para a cidadania e possibilitar momentos de reflexão que visam a aquisição de um espírito crítico e a interiorização de valores; na ótica das crianças, compreender o direito à igualdade de oportunidades entre mulheres e homens a partir de ideias estereotipadas relativamente ao género nas atividades profissionais e demonstrar capacidade de se envolver em projetos, participando na tomada de decisões e na distribuição de tarefas.

Este relatório, no qual será salvaguardada a privacidade dos intervenientes, através do uso de nomes fictícios, e da instituição, que será designada como tal, será composto pelos seguintes capítulos: **Caracterização para a Ação**, no qual é feita a ligação entre a caracterização do contexto e a prática nele realizada; **Caracterização do Projeto**, onde são descritos os objetivos do projeto e caracterizadas as diferentes fases que o constituíram; e **Considerações Finais**, no qual se pretende refletir acerca do alcance dos objetivos delineados, das aprendizagens e da participação das crianças no projeto desenvolvido.

1. Da caracterização do contexto à ação pedagógica

Admitindo que é fundamental compreender todos os fatores que se apresentam como uma influência para o desenrolar da ação pedagógica e sabendo que existe “uma influência mútua entre os contextos e as crianças” (Tomás, 2008, p. 391), neste capítulo consta, de forma breve e sucinta, a relação existente entre a caracterização do contexto socioeducativo (Anexo A1) e a ação pedagógica desenvolvida no decorrer do projeto.

Tendo em conta o grupo em questão (Anexo A2), participativo, questionador e recetivo a novos desafios e aprendizagens, este projeto surgiu como um ponto de interesse para estas crianças, que já incluíam nas suas conversas espontâneas a temática das profissões. Por outro lado, os princípios orientadores veiculados pela educadora estão patentes na concretização do projeto, uma vez que se deu primazia às relações entre pares, possibilitando a **consciencialização de valores morais**, e aos momentos que permitiram às crianças **descobrir o mundo que as rodeia através de uma outra perspetiva**, diferente da que conheciam, a de uma **cidadania igualitária**, onde os princípios de igualdade de oportunidades para ambos os sexos não são esquecidos. A exploração deste tema permitiu também às crianças a aquisição de “atitudes e valores que lhes permitem tornar-se cidadãos conscientes e solidários” (OCEPE, 1997, p.51).

Perante a complexidade do tema em questão, uma vez que se encontra inserido numa sociedade de estereótipos e preconceitos, e dada a importância que as relações com os restantes agentes educativos têm no contexto em questão, revelou-se essencial envolver no projeto a comunidade e, principalmente, as famílias. O projeto englobou, assim, o testemunho de uma mulher pertencente à comunidade envolvente que exerce a profissão mais relacionada com a questão que originou o projeto (futebolista); e a concretização de um jogo de futebol com as famílias que permitiu reunir homens e mulheres e adultos e crianças numa atividade geralmente associada apenas aos homens.

Ao longo de todo o projeto, desempenhei um papel importante, pois, enquanto **moderadora, orientadora e questionadora**, procurei levar as crianças a questionar os valores que haviam veiculado e refletir acerca dos mesmos. Para tal, recorri a atividades de pesquisa, à leitura de histórias (Anexo B1) e ao visionamento de vídeos (Anexo B2), que resultaram em momentos de reflexão cruciais para o sucesso do projeto.

Em suma, todos os aspetos referidos, que não são os únicos mas que se declaram mais relevantes, apresentaram-se como essenciais para que fosse possível delinear para o projeto as formas de dinamização mais adequadas ao espaço e às pessoas.

2. O Projeto

2.1. Identificação e fundamentação do trabalho de projeto e da metodologia subjacente para a ação pedagógica

Um projeto assume-se como um trabalho de investigação sobre um determinado tema que permite que as crianças, denominadas por Katz (2004) de “investigadoras natas” (citado em Vasconcelos et al. 2011, p.7), pensem por elas próprias e alcancem respostas para as suas questões através de recursos que elas próprias definem.

Segundo Irene Lisboa (1943), “cada projecto contém uma ideia sujeita a desenvolvimento. Quanto mais oportuna e interessante ela for, maior será o seu alcance” (citado em Vasconcelos et al. 2011, p.9). Nesta metodologia de trabalho é, então, crucial que os temas e os tópicos dos projetos provenham das ideias e conceções das crianças.

Neste processo, apesar de as crianças serem consideradas as principais construtoras do seu conhecimento, o educador deve fazer parte dessa construção – não de forma evasiva, mas assumindo um papel de apoio às práticas das crianças, proporcionando-lhes os materiais de que precisam e proporcionando a expansão do seu pensamento (Katz e Chard, 2009).

Relativamente às intenções pedagógicas que delineei para a concretização deste projeto, importa referir que estas estão de acordo com as especificidades do grupo e que consideraram, na sua totalidade, os interesses e as fragilidades do mesmo.

Na ótica do adulto (estagiária):

- **Promover a participação das crianças em todas as etapas do projeto**, por se revelar uma mais-valia na estimulação dos processos de aprendizagem e da construção do conhecimento (Vasconcelos, 2011);
- **Motivar as crianças para aprendizagens que têm como base a educação para a cidadania;**
- **Possibilitar momentos de reflexão** que visam a aquisição de um espírito crítico e a interiorização de valores.

Na ótica das crianças:

- **Compreender o direito à igualdade de oportunidades entre mulheres e homens** a partir de ideias estereotipadas relativamente ao género nas atividades profissionais;

- **Demonstrar capacidade de se envolver em projetos;**
- **Participar na tomada de decisões e na distribuição de tarefas;**
- **Demonstrar empenho** ao longo da concretização do projeto.

2.1. As Grandes Profissões para Meninos e Meninas

Nesta secção encontra-se explicitado e ilustrado o projeto que realizei durante a minha intervenção, em contexto de jardim-de-infância, com o grupo de crianças referido anteriormente neste documento. O projeto, que as crianças intitularam de *As Grandes Profissões para Meninos e Meninas*, teve início no começo do mês de abril e ficou concluído nos últimos dias do meu estágio, respeitantes ao mês de maio, tendo assim a duração de aproximadamente dois meses. Porém, existem ainda duas atividades, que por motivos alheios aos adultos e às crianças responsáveis por este projeto, ainda não foram possíveis de realizar. Apesar de a conclusão e o sucesso do projeto não terem sido prejudicados com a não concretização destas atividades, as crianças fazem questão da sua realização.

a) Fase 1 – O início do projeto

A primeira fase de um projeto diz respeito à **definição do problema**. Por outras palavras, é a fase que se destina à formulação da problemática que se pretende investigar e na qual se partilham os conhecimentos já adquiridos sobre o tema. Assumindo um papel de orientador, o adulto representa nesta fase a pessoa que medeia as conversas e anota todas as ideias das crianças, de modo a traçar um fio condutor do projeto. Segundo Vasconcelos et al. (2011), o educador pode construir uma “teia” com as crianças ou pode fazer “também a sua própria teia (ou contribui para a teia das crianças, ampliando-a)” (p. 14).

O **surgimento da questão que deu origem ao projeto** *As Grandes Profissões para Meninos e Meninas* aconteceu durante o tempo de recreio, quando decidi pedir para entrar num jogo de futebol que estava a decorrer entre crianças somente do sexo masculino. Ao questionar o grupo que fazia parte do jogo acerca da possibilidade da minha participação no mesmo, duas crianças, um menino que estava a jogar e uma menina que assistia ao jogo, exclamaram “**As meninas não jogam à bola!**”. De modo a respeitar a opinião das crianças e a aproveitar o surgimento da mesma para a possível concretização de um projeto, resolvi aguardar e partilhar o sucedido na sala de

atividades. Assim, no momento do “tapete²”, contei ao grupo, sem referir o nome de nenhuma criança, o que me tinha acontecido e perguntei-lhes o que achavam sobre o assunto – Se achavam que era verdade? Se apenas os meninos podem jogar à bola? Porquê? – E, devido à maioria das respostas obtidas, senti necessidade de os questionar acerca de outras atividades profissionais – Existe outra atividade que só os meninos podem fazer? Existe alguma atividade que só as meninas podem fazer? Porquê?

Foi então que, deparada com as afirmações de algumas crianças, resolvi propor a elaboração de uma tabela “O que pensamos” dividida em três colunas: “Meninas/Meninos/Ambos” (Anexo B3). Nesta atividade, as crianças nomearam e ilustraram diversas profissões e referiram em que coluna deveria ser colocada cada uma delas. Com isto, surgiram novas questões e afirmações, como “**Porque é que os homens podem fazer tudo e as mulheres não podem fazer nada?**” e “**Porque os meninos são fortes e as meninas são fracas**”. Não restavam dúvidas acerca da pertinência do tema para este grupo de crianças...faltava apenas saber se era do interesse do mesmo realizar um projeto sobre o assunto.

De modo a não perder um projeto com um tema que considero tão importante, conversei com as crianças sobre o mesmo e, de modo subtil, disse-lhes que desconfiava que a tabela preenchida não correspondia bem à realidade, mas que para descobrir a verdade precisava que todos trabalhassem em equipa! As crianças mostraram muito entusiasmo e rapidamente começaram a surgir ideias de atividades que poderíamos realizar para ver respondidas algumas questões.

Relativamente à elaboração da teia, a inicial revelou-se bastante simples, uma vez que, por ser mais perceptível para as crianças em geral, optei pela realização da tabela “O que pensamos”. Contudo, recorrendo às afirmações e questões das crianças, que surgiram durante o preenchimento da tabela, elaborei uma teia para mim (Anexo B4) que me ajudou a orientar o desenvolvimento do projeto. Posteriormente, com o avançar do trabalho e com o meu apoio, as crianças elaboraram ainda uma teia de sugestões de atividades de resposta ao projeto (Anexo B5), que, embora esteja relacionada com a Fase 2, teve as questões iniciais descritas nesta fase como ponto de partida.

a) Fase 2 – O desenvolvimento do projeto

Relativamente à segunda fase de um projeto, esta diz respeito, essencialmente, aos **processos de planificar, de pesquisar e de encontrar respostas para as questões**

² Momento realizado, geralmente, duas vezes por dia que se destina à conversa/reflexão em grande grupo.

colocadas na Fase 1, tal como se confirma quando Katz e Chard (2009) referem que o ponto substancial desta fase passa por “tentar encontrar respostas para as questões formuladas no final da primeira fase (p. 163).

O entusiasmo sentido pelas crianças na realização deste projeto evidenciou-se quando estas mostraram mais vontade de participar na planificação das atividades que poderiam ser realizadas para dar resposta ao projeto. Foi neste sentido que surgiu a teia, elaborada pelas crianças mas com a minha ajuda, referida anteriormente (Anexo B5).

Tal como é esperado nesta fase, **as crianças deram início ao processo de pesquisa** e iniciaram o que à organização da informação recolhida diz respeito. As crianças começaram a analisar a informação, a seleccioná-la, a colocá-la por grupos, a refletir sobre os resultados e a confrontá-los com as ideias iniciais. Porém, isto apenas foi possível porque a sala de atividades representa um espaço que é organizado em múltiplas “oficinas de criação e experimentação” (Vasconcelos et al, 2011, p.16).

Das atividades que fizeram parte do desenvolvimento do projeto em questão, destacam-se as que tiveram como base o constante desenvolvimento da autonomia das crianças, a relação com as famílias, o reconhecimento de diversos valores morais e cívicos e a desmitificação de estereótipos veiculados na sociedade relativamente às questões de género.

A atividade que deu início a esta fase do projeto foi a de **pesquisa de imagens de profissões exercidas por ambos os sexos**, na qual as crianças, em pequenos grupos, efetuaram uma pesquisa na sala de atividades, recorrendo a um computador com internet e a revistas, com o intuito de se encontrar imagens de pessoas, quer de homens, quer de mulheres, que exerçam as profissões que inicialmente as crianças afirmaram ser pertencentes apenas a um dos sexos. De modo a enriquecer a atividade e a promover a participação das famílias, é pedido que a pesquisa seja posteriormente continuada em casa. Importa referir que tanto os resultados da pesquisa na sala de atividades como os resultados da pesquisa em casa com as famílias foram reunidos e analisados em grande grupo. De seguida, as imagens recolhidas serviram para um **exercício de comparação entre estas e a tabela “O que pensamos”**, o que acabou por resultar num momento de reflexão importante para o desenrolar do projeto.

No seguimento da atividade anterior, as crianças logo tiveram vontade de **elaborar um cartaz** (Anexo B6) que reunisse as “grandes profissões” exercidas tanto por homens como por mulheres. É importante referir que esta atividade se prolongou no

tempo devido ao facto de estarem sempre a chegar novas imagens, resultantes da continuação da pesquisa em casa com a família.

Para compensar o facto de não termos conseguido assistir a um treino de futebol de elementos do sexo feminino, devido à incompatibilidade de horários da equipa e do JI, sugeri que uma **jogadora de futebol profissional nos fosse visitar à sala**. De modo a incluir a família nesta atividade, perguntei às crianças se alguma mãe praticava futebol... mas não tive sucesso. De seguida, propus ser eu a responsável por encontrar uma jogadora de futebol que estivesse disposta a ir à sala de atividades ter uma conversa e, com sorte, jogar à bola. Após confirmada a ida da jogadora de futebol ao JI, em grande grupo, **preparámos uma lista de perguntas** para lhe fazer (Anexo A3). No dia da visita, durante o momento do tapete, combinámos quem colocava as questões à convidada e decidimos como a íamos receber (ex.: Como organizar a sala? Onde se ia sentar a convidada? Onde ficaríamos sentados? O que vamos colocar à disposição da convidada? Etc.). Para meu espanto, a atividade correu tal como planeado e as crianças estavam muito entusiasmadas. As crianças colocaram não só as questões previamente delineadas como colocaram também muitas outras! Em seguida, conseguimos ir jogar à bola com ela e apareceu uma nova sugestão de atividade, por parte de uma criança, que prontamente tratámos de concretizar: **um jogo de futebol entre meninas e meninos** (Anexo B7)!

Dado como terminado um jogo de futebol, no qual as meninas puderam mostrar que também podem e sabem jogar à bola, vimo-nos deparados com a **preparação de outro jogo de futebol**. Mas desta vez, era um jogo de futebol a sério: **o Jogo de Futebol entre Pais/Mães, Filhos/Filhas, Avós/Avôs**. As crianças quiseram tratar de todos os pormenores dignos de um verdadeiro jogo de futebol: cartaz de divulgação do jogo e cartazes para inscrições, bilhetes, medalhas de participação, pompons de *cheerleading* e uma taça para a equipa vencedora (Anexo B8).

Ainda de salientar três tipos de atividades que foram sendo realizadas ao longo do decorrer do projeto: leitura de histórias (Anexo B1) e visionamento de vídeos (Anexo B2).

Para posterior resultado palpável do projeto, as crianças quiseram elaborar um livro semelhante ao que lhes foi mostrado (Anexo B9), de Madalena Matoso, “Todos Fazemos Tudo”, e criar rimas sobre o tema do projeto, que acabaram por se transformar numa música *rap*. E nisto, o mais gratificante foi contemplar a satisfação das crianças por deixar na sala um produto fruto do projeto que elas ergueram.

Em suma, e assumindo que “a livre expressão da criança adquire uma existência cultural” (Vazquez e Oury, 1986, citado em Barros, 1999, p. 199), todas as atividades desenvolvidas nesta fase do projeto culminaram em momentos de reflexão, muito importantes não só para a concretização deste projeto como também para o desenvolvimento pessoal dos valores de cada uma das crianças do grupo.

b) Fase 3 – A conclusão do projeto

À terceira fase do projeto dizem respeito a parte que é denominada por “**socialização do saber**” (Vasconcelos et al. 2011, p.17) e a parte relativa à **avaliação do projeto**. É no decorrer desta fase que as crianças fazem ver, a todos os outros que as rodeiam, o fruto do seu trabalho de projeto, sendo que é também nesta fase que o avaliam. Segundo Edwards et al. (1999), esta terceira fase representa uma “espécie de celebração”, que visa um reconhecimento, por parte das crianças, do trabalho que foi conquistado durante o projeto e resulta no momento em que se avalia “o trabalho, a intervenção dos vários elementos do grupo, o grau de entre-ajuda, a qualidade da pesquisa e das tarefas realizadas, a informação recolhida, as competências adquiridas” (citado em Vasconcelos et al. 2011, p. 17).

A parte da **divulgação** foi feita na penúltima semana do mês de maio e destinou-se às famílias e às técnicas responsáveis pela Componente de Apoio à Família. Neste momento de divulgação, os pais puderam observar uma pequena dinamização, inspirada num *flash mob*, no qual as crianças nomearam que profissões querem seguir quando forem adultos e apresentaram aquilo que aprenderam ao longo do projeto sobre as questões de género. Primeiro, com recurso a uma conversa informal entre mim e o grupo e, posteriormente, através de uma apresentação das rimas em versão *rap*. É importante referir que a divulgação aos restantes elementos da comunidade escolar apenas se realizará no dia 6 de junho, durante um arraial onde estarão presentes todas as pessoas da instituição.

No que à **avaliação** diz respeito, posso concluir que foi um projeto bem-sucedido, uma vez que senti realmente o envolvimento das crianças no projeto e que presenciei momentos em que foi notório o crescimento de cada uma delas no que concerne a desmitificação de estereótipos na sociedade em que vivemos (Anexos A4 e A5). Contudo, devido à grandeza que este tema pode assumir, lamento que tenham ficado aspetos por explorar mas o tempo assim o quis.

O feedback das famílias, dado no final do momento de divulgação do projeto às

mesmas, foi muito positivo. Diversos familiares vieram contar-me o impacto que o projeto teve nas crianças, uma vez que muitas delas falavam diariamente em casa sobre as atividades direcionadas para o tema. Embora o mérito não tenha sido meu, alguns familiares vieram dar-me os parabéns pela temática, por considerarem-na muito importante para o futuro das crianças.

Por sua vez, **as crianças avaliam o projeto** como tendo sido um êxito. Todas as crianças afirmaram ter gostado de todas as atividades realizadas. Apesar de um grande esforço meu e da educadora cooperante para que nomeassem apenas uma atividade, apenas três crianças quiseram destacar somente uma atividade como a preferida (Anexo A6).

c) **Do início ao fim do projeto - Envolvimento das famílias e papel do adulto**

Quando as famílias acompanham regularmente o processo de educação exercido nas escolas, colaborando nas atividades do grupo, participando nas reuniões e estabelecendo constantemente uma partilha de informação com os educadores, torna-se possível que as crianças tenham um melhor desempenho a nível escolar e, também, pessoal. Sabendo que “ao mesmo tempo que pais e [educadores] estão a aprender algo sobre as crianças e sobre si próprios, cada criança beneficia das relações que se estão a desenvolver entre adultos” (Bove, 1999, citado em Post & Hohmann, 2011, p. 299), considero que o meu trabalho deveria ter incidido mais sobre este aspeto. Como futura educadora, não pretendo permitir que o trabalho com as famílias das crianças represente uma lacuna na minha ação pedagógica e, por isso, creio que quanto mais informação se transmitir às famílias e quanto mais as envolvermos nas atividades da nossa prática, mais aspetos positivos alcançaremos. Neste sentido, creio que o **trabalho realizado com as famílias** na concretização deste projeto não foi esquecido mas também não considero ter sido totalmente alcançado.

Por sua vez, quanto ao **papel do adulto**, que me diz respeito a mim, procurei sempre representar uma figura à qual as crianças podiam recorrer sempre que necessário, mas que, ao mesmo tempo, lhes dava espaço para alcançar os seus objetivos e superar as suas dificuldades. Como já foi referido anteriormente neste relatório, e relativamente ao tema do projeto, procurei apenas possibilitar a desmitificação de estereótipos ou, no caso de os mesmos se manterem, a sua reflexão (construção de opinião fundamentada/refletida). Nunca lhes dei nenhuma resposta, objetivando sempre que cada criança alcançasse as suas respostas por mérito próprio. Pela primeira vez, a

minha prática pedagógica foi totalmente “transparente” com as crianças, na medida em que tudo o que aconteceu da minha parte tinha o conhecimento e o consentimento de todo o grupo. Nenhuma das atividades realizadas partiu única e exclusivamente da minha cabeça, tendo sido tudo realizado pelas e/ou com as crianças.

3. Considerações Finais

Cada **criança** deve ter um **papel ativo na construção social da sua identidade de gênero**. É neste sentido que a educação pré-escolar se revela muito importante, uma vez que “deve favorecer a formação da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário” (OCEPE, 1997, p. 51).

A exploração deste tema nesta sala de atividades surgiu como essencial na medida em que foi possível transmitir-se às crianças “**atitudes e valores**” dos quais não tinham conhecimento e “**que lhes permitem tornar-se cidadãos conscientes (...)**, capacitando-os para a resolução dos problemas da vida” (OCEPE, 1997, p.51). Por outro lado, esta temática está também contemplada na área de Formação Pessoal e Social para a Educação Pré-Escolar, revelando-se uma mais-valia para qualquer criança: “**A educação para a cidadania**, baseada na aquisição de um espírito crítico e da interiorização de valores, pressupõe conhecimentos e atitudes que poderão **iniciar-se na educação pré-escolar**” (OCEPE, 1997, p. 55).

Com a abordagem deste tema, as crianças do grupo puderam ter contacto com uma realidade diferente daquela que, até à data, era a única que conheciam. Se nunca tivermos visto meninas a jogarem à bola e se desde que nascemos nos dizem que as meninas brincam com bonecas e que são os meninos que brincam com a bola, é natural que sejam essas as concepções que formamos na nossa cabeça e, depois, projetamos no nosso quotidiano. Assim, partir da afirmação “**as meninas não jogam à bola**” para afirmações como “**afinal as meninas jogam bem à bola...**” ou “a Joana jogava à bola melhor do que os meninos” são pequenas provas de que o projeto foi bem-sucedido (Anexo A4). Por outro lado, observar meninos a desenharem **meninas a jogar futebol** ou meninas a desenharem **meninos a dançar** porque afinal “**todos fazemos tudo**” é um momento que qualquer estagiária procura alcançar no final de um projeto de estágio como este. Ouvir os relatos de uma criança que afirma que “**não importa se somos meninos ou meninas, porque todos podemos fazer aquilo que nos apetecer**” (Ana, 5 anos), perante o grande grupo, sobre a moral de uma história após a leitura de um livro, é outro dos momentos que nos faz acreditar que valeu a pena.

De um modo geral, todas as crianças alcançaram os objetivos delineados, conseguindo aproveitar os diversos **momentos destinados à reflexão e participando** ativamente na **concretização do projeto**, quer nas **propostas de atividades**, quer na **realização e organização de tarefas**.

4. Referências Bibliográficas

- Barros, E. (1999). *Andar na Escola com João dos Santos: pedagogia terapêutica*. Lisboa: Caminho.
- Katz, L. & Chard, S. (2009). *A abordagem por projectos na educação de infância* (2ª edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ministério da Educação (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: DGIDC/Ministério da Educação.
- Penteado, C. & Mendonça, A. (s.d.). *A Identidade de Género do Jardim de Infância – que construção social?*. Universidade da Madeira, Portugal. Retirado de <http://www3.uma.pt/alicemendonca/2010.pdf>. Acedido em novembro 5, 2013.
- Post, J. & Hohmann, M. (2011). *Educação de bebés em infantários. Cuidados e primeiras aprendizagens* (4ª edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Presença.
- Tomás, C. (2008). A investigação sociológica com crianças: caminhos, fronteiras e travessias. In Lucia Rabello de Castro e Vera Lopes Besset (Orgs.). *Pesquisa-intervenção na infância e juventude*. (pp. 387-408) Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ.
- Vasconcelos, T. (coord.), et al. (2011). *Trabalho por projectos de na educação de infância: mapear aprendizagens, integrar metodologias*. Lisboa: Ministério da Educação.

Anexos

Anexo A – Quadros

Anexo A1 – Quadro 1. Caracterização do contexto do estágio

O contexto do estágio	
Meio circundante da instituição	O JI está inserido num meio composto essencialmente por edifícios habitacionais. É uma zona privilegiada no que diz respeito ao acesso a duas grandes superfícies comerciais mas que é composta sobretudo por estabelecimentos de pequenas dimensões, situados nos pisos térreos dos edifícios habitacionais. Relativamente aos transportes, é uma zona pouco favorecida, sendo que apenas dispõe da passagem de um autocarro da Carris.
História da instituição	O nascimento da instituição deveu-se à Câmara Municipal de Lisboa, que pretendia satisfazer as necessidades da população. O edifício foi mandado construir de raiz em 2000 e a sua construção, tendo a EPUL como entidade responsável, terminou em 2002, sendo que abriu as portas no mês de novembro do mesmo ano.
Valências da instituição	Jardim de Infância 1º Ciclo do Ensino Básico
Dimensão jurídica do JI	Trata-se de uma instituição pública da rede nacional, que é pertencente a um grande agrupamento de escolas. Abrangendo crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos, é uma entidade tutelada pelo Ministério da Educação e Ciência.
Espaços físicos da instituição	Edifício composto por três pisos. <u>No rés-do-chão</u> , encontram-se uma sala de reuniões dos professores, uma sala de direção dos professores, secretaria, uma sala de assistentes operacionais, um gabinete médico, várias arrecadações, uma sala de direção do A.T.L., uma sala para a associação de pais, um centro de recursos e quatro casas-de-banho comuns e duas adaptadas para pessoas com deficiência. <u>No 1º piso</u> estão situados uma sala de estudo, uma sala de ensino especial, quatro salas de atividades de Jardim-de-Infância, um ginásio junto a uma sala de professores/ginásio, um refeitório, uma cozinha (com despensas, casa-de-banho, casa de lixo e balneário), seis salas de aulas do 1º Ciclo do Ensino Básico, uma casa do jardineiro e várias casas-de-banho para crianças.

	<p><u>No 2º piso</u>, encontram-se seis salas de aulas do 1º Ciclo do Ensino Básico, várias casas-de-banho (comuns e adaptadas) para adultos e crianças e uma galeria do ginásio/cobertura.</p> <p><u>No 3º piso</u>, situa-se a casa das máquinas.</p> <p>Existem ainda dois espaços exteriores, um destinado ao Jardim-de-Infância e outro destinado ao 1º ciclo do Ensino Básico.</p>
Espaços Físicos do JI	<p>Todos os espaços físicos do JI foram organizados de acordo com a faixa etária a que se destinam, de maneira a oferecer momentos complexos e desafiantes. Os espaços físicos são compostos por superfícies facilmente laváveis; salas com bastante iluminação, tanto natural como artificial; espaços abertos (recreio) e fechados (salas de atividades), que permitem momentos de alta e baixa mobilidade, que promovem o jogo autónomo, que proporcionam ordem e flexibilidade e que providenciam, essencialmente, conforto e bem-estar, tanto para as crianças como para os adultos (Post & Hohmann, 2011).</p>
Recursos humanos da instituição	<p>Uma Coordenadora de Estabelecimento, 12 Professores titulares de turma, dois Professores (não fixos) de Ensino Especial, seis Assistentes Operacionais do 1º ciclo do Ensino Básico, quatro Educadoras de Infância, 3 Assistentes Operacionais do JI, um terapeuta da fala, duas professoras bibliotecárias, uma cozinheira, uma ajudante de cozinha e cinco auxiliares de refeitório.</p>
Princípios orientadores/ intenções e finalidades educativas da educadora da sala de JI onde estagiei	<p><u>Princípios Orientadores:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a autonomia da criança, levando-a a aprender por si própria; • Reconhecer a criança como sujeito do processo educativo, valorizando os seus saberes como fundamento de novas aprendizagens; • Privilegiar uma pedagogia diferenciada, centrada na cooperação, em que cada um e todos beneficiam do processo educativo desenvolvido com o grupo; • Potencializar as relações entre pares de forma a possibilitar a consciencialização de valores morais, cívicos e estéticos. • Proporcionar à criança momentos e vivências para que ela possa

	<p>descobrir o mundo que a rodeia, assim como, descobrir-se a ela própria, quer a nível das suas capacidades e aptidões mas também a nível das suas dificuldades.</p> <p><u>Intenções e finalidades:</u> a educadora afirmou, em conversa informal, não seguir nenhum modelo pedagógico em concreto, referindo apenas que se preocupa em seguir e cumprir as intenções e finalidades pressupostas pela Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (OCEPE, 1997) e os documentos estruturantes da instituição. Contudo, por observação direta da sua prática pedagógica, arrisco em avançar com a afirmação de que esta tem influências de modelos sócio construtivistas.</p>																		
<p>Rotina diária do JI</p>	<p>No JI, embora se cumpra uma rotina, esta é muito flexível no que aos horários diz respeito e tem também a particularidade de os tempos serem negociados entre a educadora e as crianças do grupo.</p> <table border="1" data-bbox="550 913 1276 1601"> <thead> <tr> <th>Horário</th> <th>Atividade</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>9:00 – 9:30</td> <td>Acolhimento / Desenho da manhã</td> </tr> <tr> <td>9:30 – 10h45</td> <td>Tapete e Atividades</td> </tr> <tr> <td>10h45 – 11h15</td> <td>Higiene e Lanche da Manhã/Fruta</td> </tr> <tr> <td>11h15 – 12h00</td> <td>Recreio</td> </tr> <tr> <td>12h00 – 13h00</td> <td>Almoço</td> </tr> <tr> <td>13h00 – 13h30</td> <td>Recreio</td> </tr> <tr> <td>13h30 – 14h00</td> <td>Higiene e Lanche da Tarde</td> </tr> <tr> <td>14h00-15h00</td> <td>Atividades</td> </tr> </tbody> </table>	Horário	Atividade	9:00 – 9:30	Acolhimento / Desenho da manhã	9:30 – 10h45	Tapete e Atividades	10h45 – 11h15	Higiene e Lanche da Manhã/Fruta	11h15 – 12h00	Recreio	12h00 – 13h00	Almoço	13h00 – 13h30	Recreio	13h30 – 14h00	Higiene e Lanche da Tarde	14h00-15h00	Atividades
Horário	Atividade																		
9:00 – 9:30	Acolhimento / Desenho da manhã																		
9:30 – 10h45	Tapete e Atividades																		
10h45 – 11h15	Higiene e Lanche da Manhã/Fruta																		
11h15 – 12h00	Recreio																		
12h00 – 13h00	Almoço																		
13h00 – 13h30	Recreio																		
13h30 – 14h00	Higiene e Lanche da Tarde																		
14h00-15h00	Atividades																		
<p>Equipa Educativa do JI</p>	<p>Relativamente à equipa educativa do JI, importa referir que apenas a educadora é o único adulto “fixo” na sala de atividades. Nesta sala, o auxílio de uma assistente operacional não é constante, uma vez que não existe uma assistente por cada sala. Este aspeto faz com que exista um horário rotativo entre três assistentes operacionais, que tentam dar resposta a quatro salas de JI. Contudo, a relação que a educadora estabelece com as três assistentes operacionais é muito positiva e</p>																		

	<p>baseia-se no mais puro respeito. Embora não seja uma situação aparentemente favorável, o trabalho em equipa que é mantido entre estes e os restantes elementos da equipa educativa permite que tudo funcione da melhor maneira possível.</p> <p>A interação adulto-criança é muito positiva, tendo como base essencialmente os afetos. Todas as crianças mostraram sentir que os adultos funcionam para elas como entidades de segurança e é notório o carinho que sentem por eles.</p>
<p>Famílias das crianças</p>	<p>As famílias das crianças são caracterizadas pela heterogeneidade familiar. Encontrando-se maioritariamente numa faixa etária relativamente jovem, estas famílias apresentam uma grande disparidade no que às habilitações académicas diz respeito, encontrando-se assim algumas famílias numa classe social média-baixa e outras numa classe social média-alta. Relativamente à estrutura familiar, com exceção de dois casos (Pablo e Henrique), todas as crianças vivem com ambos os pais e, na grande maioria, têm pelo menos um irmão.</p> <p>As famílias e a educadora estabelecem uma relação em que ambos funcionam como co educadores da mesma criança, sendo que é notável que esta relação de parceria é muito favorável para as crianças, centrando-se em cada uma, “passando pela troca de informações sobre o que lhe diz respeito, como está na instituição, qual o seu progresso, os trabalhos que realiza...” (Ministério da Educação, 1997, p.43) e rege-se segundo o mesmo objetivo: “fazer a criança se desenvolver em todos os aspectos e ter sucesso na aprendizagem”, para que consiga “um melhor rendimento escolar” (Silva, 2012, p.25).</p>
<p>Grupo de crianças</p>	<p>Com exceção de uma criança com a qual nunca contactei, o grupo é composto por 24 crianças, sendo que 11 pertencem ao sexo feminino e as restantes 13 ao sexo masculino. As idades das crianças estão compreendidas entre os quatro e os seis anos de idade, sendo que a grande maioria tem quatro e cinco anos.</p> <p>De um modo geral, é um grupo bastante desenvolvido, dinâmico e</p>

ativo. Trata-se de um grupo de crianças com o qual é muito agradável trabalhar... são crianças muito afetuosas, recetivas e compreensíveis! À exceção de três casos mais complicados, dois a nível de desenvolvimento cognitivo e um a nível comportamental, são crianças que gostam de desafios e não desistem até os conseguir superar. Na sua grande maioria, são muito questionadoras, estão sempre prontas para ajudar e dar opinião e têm uma autonomia e um desejo de participar que são fantásticos.

Relativamente àquilo que mais gostam de fazer ora são crianças com gostos em comum ora são crianças com gostos muito dispersos. Relativamente aos gostos em comum, é um grupo que gosta de atividades de expressão motora, no ginásio, que envolvam muita libertação de energia, de jogos de competição, de jogos que envolvam memorização, de conversar, de adivinhas, de histórias, de canções e de desenhos. Por outro lado, os gostos partilhados apenas por pequenos grupos de crianças variam entre jogos de futebol, jogos de construção, atividades de expressão plástica e atividades rítmicas e expressivas.

No que ao tema do projeto diz respeito, é um grupo que tinha presente muitas questões estereotipadas relacionadas com o género, que acabavam por se refletir, por vezes, nas suas brincadeiras. As explicações que as crianças davam quando questionadas sobre o assunto demonstravam a sua realidade, ou seja, aquilo que tinham percebido do mundo ao seu redor, quer pelo que viam quer pelo que ouviam no seu quotidiano.

Anexo A2 – Quadro 2. Caracterização do grupo de crianças quanto ao género, à idade e à frequência na instituição no ano anterior

Nome fictício da criança³	Género	Idade⁴	Frequência na instituição no ano anterior
Ana	Feminino	5	Sim
Brave	Feminino	5	Sim
Violeta	Feminino	5	Sim
Invizimal	Feminino	5	Sim
Barbie	Feminino	4	Sim
Isaura	Feminino	4	Sim
Meivis	Feminino	4	Não
Monster High	Feminino	4	Sim
Faísca	Feminino	5	Sim
Madá	Feminino	5	Não
Kitty	Feminino	5	Sim
Rodrigo	Masculino	5	Sim
Leo	Masculino	6	Sim
Homem Aranha	Masculino	6	Sim
Mamá	Masculino	4	Sim
Henrique	Masculino	5	Sim
Lego	Masculino	5	Sim
Diogo	Masculino	6	Sim
Pablo	Masculino	5	Não
Francisco	Masculino	4	Sim
Vicente	Masculino	4	Sim
Manel	Masculino	5	Sim
Gonçalo	Masculino	5	Sim
Martim	Masculino	6	Sim

³ Nomes escolhidos pelas crianças durante uma brincadeira de troca de personalidades.

⁴ Idade das crianças até à data de 31 de março de 2014.

Perguntas a colocar à Jogadora de Futebol

“Tu és boa jogadora?” (Leo, 6 anos)

“Jogas bem?” (Isaura, 4 anos)

“És boa guarda-redes?” (Diogo, 6 anos)

“Como é que tu és?” (Brave, 5 anos)

“Danças bem?” (Ana, 5 anos)

“Gostas de ser jogadora de futebol?” (Homem-Aranha, 6 anos)

“És uma menina e podes jogar à bola?” (Mamá, 4 anos)

“És linda?” (Francisco, 4 anos)

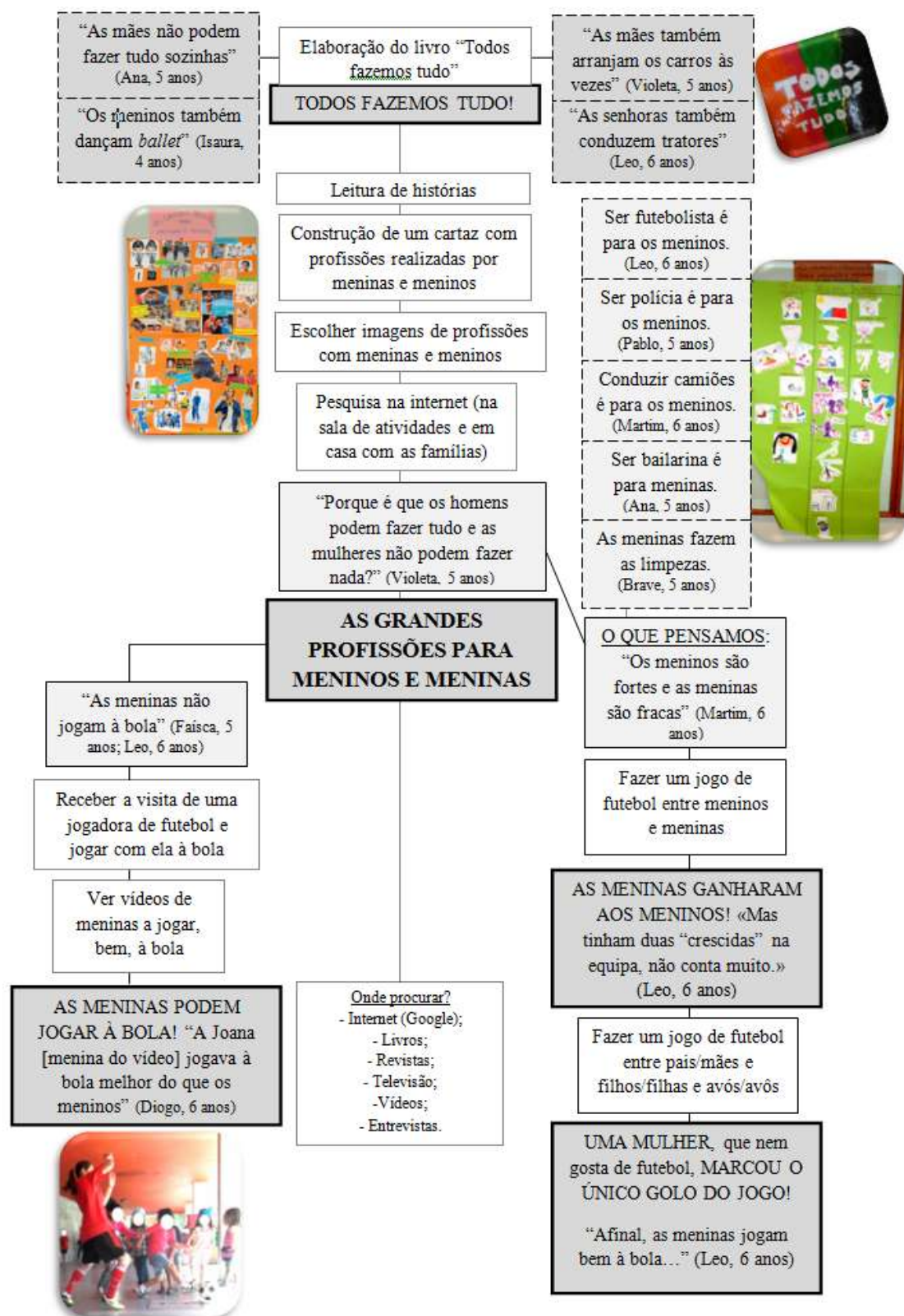
“Alguém goza contigo por seres uma menina que joga à bola?” (Faisca, 5 anos)

“Em que posição jogas? Marcas muitos golos?” (Leo, 6 anos)

“És de que clube?” (Mamá, 4 anos)

“Quando jogas à bola, apareces na televisão?” (Leo, 6 anos)

Anexo A4 – Quadro 4. Teia Final da Estagiária



Anexo A5 – Quadro 5. Autoavaliação do projeto pela estagiária (adaptado de Leite, 2003, p. 76)

Projeto: As grandes profissões para meninos e meninas

Grupo: Grupo de 24 crianças, dos 4 aos 6 anos, do jardim-de-infância

Participação das crianças

Quantas crianças participaram? 24 Crianças.

Que crianças evitaram/rejeitaram participar? Nenhum.

Porquê? -

Reações das crianças

O que gostaram mais? As crianças, de um modo geral, afirmaram ter gostado de tudo. Apenas um pequeno grupo de crianças foi capaz de nomear apenas uma atividade como a que gostaram mais – a do jogo de futebol entre famílias e crianças. Porém, verifiquei que a atividade de pesquisa na internet, a construção do cartaz das profissões realizadas por homens e mulheres e a visita de uma jogadora de futebol à sala foram as atividades mais apreciadas pelo grupo em geral.

Que sugestões deram? Pesquisar na internet, fazer jogos, ler livros, e fazer desenhos.

Como integrei essas sugestões no desenvolvimento do projeto? A maioria das atividades era prática e contemplava todas as sugestões das crianças.

O que fiz para motivar as crianças? / O que fiz para manter o seu interesse? Foram planeadas atividades de acordo com os interesses das crianças e a principal estratégia era não obrigar nenhuma criança a fazer qualquer que fosse a atividade, o que significa que todas trabalharam mas cada uma pode escolher aquilo que mais lhe causava interesse. Por outro lado, em alguns casos, recorri a uma certa negociação que passava por uma “troca de interesses”: as crianças faziam uma atividade sugerida por mim e eu fazia com elas uma atividade à sua escolha.

Valorização do projeto

Procedimentos, conteúdos e valores trabalhados: As metodologias adotadas tiveram como base as necessidades do grupo e os documentos orientadores para a educação pré-escolar. Os valores transmitidos através deste projeto têm por base a educação para a cidadania, contemplada nas OCEPE.

O que resultou melhor e porquê? O jogo de futebol com as famílias e as crianças, a visita da jogadora de futebol e a leitura de histórias, porque foram ao encontro dos principais interesses das crianças e porque proporcionaram momentos de reflexão cruciais para o desfecho do projeto.

Dificuldades sentidas: Concretização de algumas atividades face ao tempo que, com tantas tarefas para cumprir com um grupo de 24 crianças, parecia voar!

Como poderia ter ultrapassado essas dificuldades? Considero que o tempo destinado a outras atividades poderia ter sido gerido de outra forma, de maneira a que sobrasse mais tempo, apesar de, ao mesmo tempo, considerar que esse tempo foi essencial para a concretização de tudo que propus realizar. O facto de não existir sempre na sala de atividades uma assistente operacional limita, em muito, a ação do educador/estagiário.

Que alterações introduziria? Adoção de outras estratégias.

Tendo em conta a avaliação realizada, o que é necessário ter em conta na planificação de uma próxima atividade? Garantir que o tempo exato que existe para implementar uma atividade está definido e, de seguida, planear a intervenção tendo em conta esse aspeto.

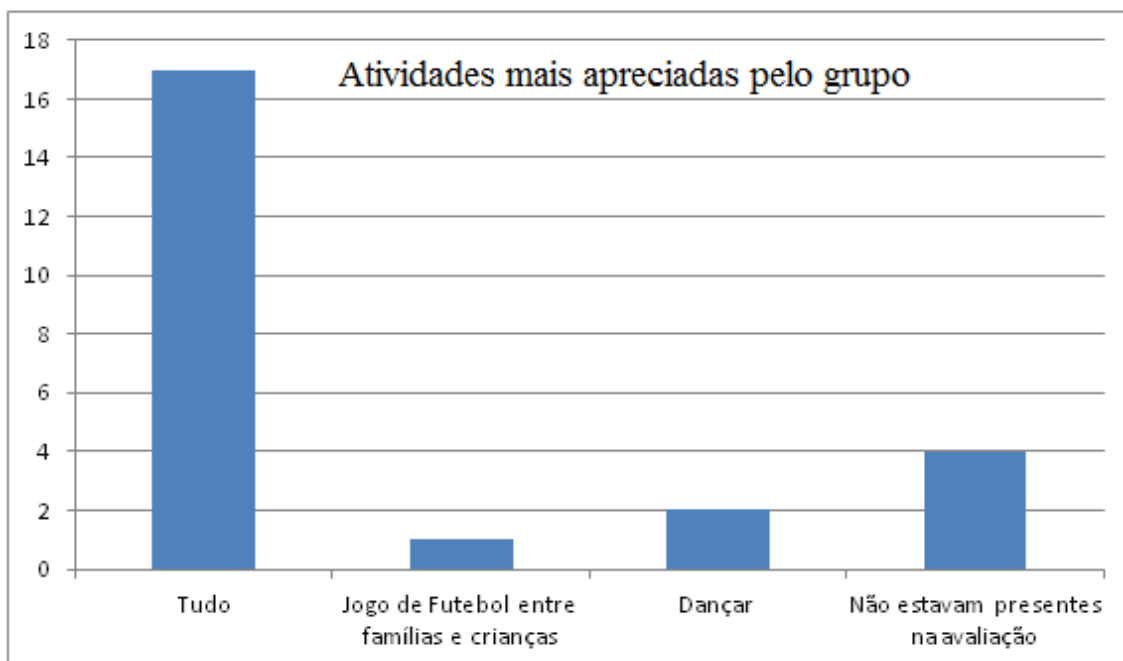
Quais eram as minhas metas e expectativas em relação a este projeto? Garantir que as crianças alcançavam os objetivos gerais propostos para o projeto.

Foram ultrapassadas? Sim.

Foram concretizadas? Sim.

Porquê? As crianças aderiram melhor do que o esperado ao projeto, mostrando grande interesse e participação. No final do projeto, os resultados observados revelavam que as crianças atingiram os objetivos.

Anexo A6 – Quadro 6. Gráfico da avaliação final do projeto pelas crianças



Anexo B – Figuras⁵

Anexo B1 – Figura 1. Histórias dinamizadas no projeto



⁵ Fotografias de autoria própria.

Anexo B2 – Figura 2. Vídeos analisados



<http://www.youtube.com/watch?v=TmC5HM5r-oo>

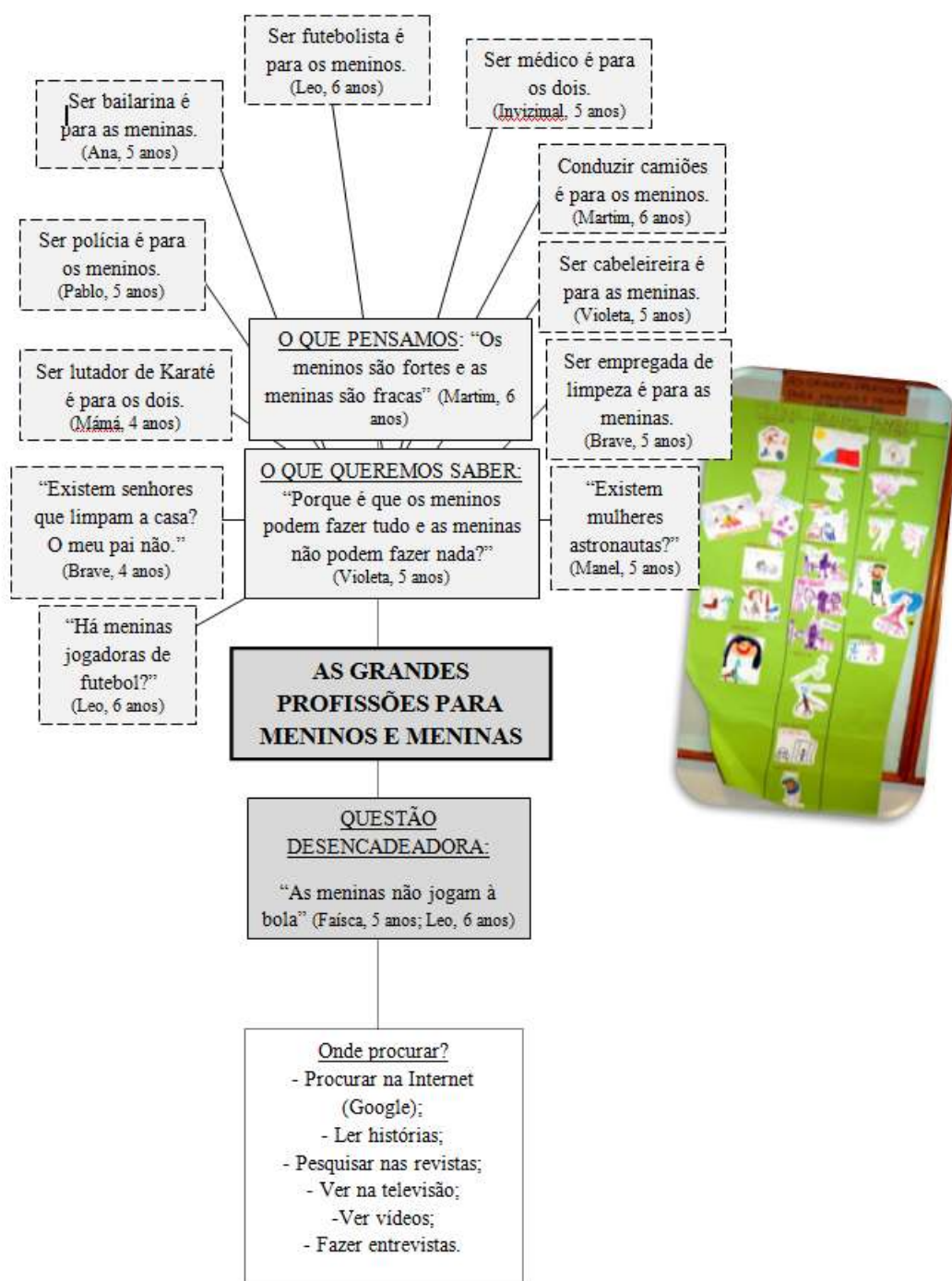


<http://www.youtube.com/watch?v=g-LGIuF2lkU>

Anexo B3 – Figura 3. Tabela “O que pensamos”



Anexo B4 – Figura 4. Teia Inicial da Estagiária



Anexo B5 – Figura 5. Teia de sugestões de atividades das crianças



6 – Figura 6. Cartaz “As grandes profissões para meninas e meninos”



Anexo B7 – Figura 7. Jogo de futebol entre meninas e meninos



Anexo B8 – Figura 8. Preparação para o jogo de futebol entre famílias e crianças



Anexo B9 – Figura 9. Livro da autoria das crianças “Todos Fazemos Tudo”

